

UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DOS MARCADORES DISCURSIVOS FORMADOS POR VERBOS PERCEPTIVOS VISUAIS

Vânia Rosana Mattos Sambrana
Mestrado/UFF

Orientadora: Mariangela Rios de Oliveira

Introdução

Esta pesquisa faz parte de um projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisa, com sede na Universidade Federal Fluminense, *Discurso e Gramática* (D&G), iniciada em 2014, sobre *Construcionalização e mudança construcional em expressões verbais compostas por pronomes locativos no português*, coordenada pela professora doutora Mariangela Rios de Oliveira. Pretendemos contribuir para o conhecimento de estratégias de articulação da interface discurso/gramática, principalmente, no que diz respeito ao recrutamento e funcionalidade da categoria dos marcadores discursivos de base verbal perceptiva visual.

Optamos por trabalhar com dois verbos perceptivos visuais, *olhar* e *ver*, devido à possibilidade de comparação quanto à atuação e recrutamento das formas hierarquizadas no enquadre do padrão construcional como reflexo do uso linguístico. A recorrência do uso é outro motivo pelo qual optamos em trabalhar com dois verbos, visto que são formas frequentemente utilizadas no português brasileiro do século XX como estratégias de marcação da interação entre os interlocutores. Vejamos o exemplo abaixo:

(01) - aí às vezes eu " **olhe** - não dá vamos sair - vamos sair vamos ali: vamos ali no bar tomar uma cerveja ou: vamos sentar ali na praça " - uhm - e começo a conversar com ele - " rapaz **olha** é: assim assim assim assim " coloco tudo pra ele - **veja só** eu eu eu tenho aqui um caderno de anotação às vezes eu fico até policiando ele anotando sabe? - todos os deslizes - durante um dia - entendeu? (CP, séc. XX, oral, Recife, inq. 340)

No exemplo (1), há três formas de marcação do discurso com base em verbos perceptivos visuais diferentes, “olhar” e “ver”, dois marcadores, *olha* e *olhe*, são formados por

apenas uma parte, e um marcador, *veja só*, é formado por duas partes. Há referência de duas pessoas gramaticais diferentes na articulação da base verbal dos marcadores discursivos, a 2ª pessoa do singular (*olha*) e a 3ª pessoa do singular (*olhe, veja só*). Os três marcadores se apresentam em uma expressão de ordem, em maior ou menor grau, com o objetivo comunicativo de regular e direcionar a atenção entre falante e ouvinte. Há, pragmaticamente, uma indução e uma persuasão, em maior ou menor grau, captadas na intencionalidade do falante sobre o ouvinte. Em análise preliminar, o recrutamento das formas destacadas revela que há marcadores discursivos atuando na língua portuguesa com diferenças e semelhanças de caracterização, tanto no campo sintático-semântico quanto no campo discursivo-pragmático. Podemos visualizar um padrão homogêneo entre essas formas, dois pontos de intersecção, a base verbal perceptiva visual e o apoio discursivo. Sendo assim, nosso objeto de estudo – a construção $V_{pv}(x)^{md}$ – representa o nível mais alto do padrão construcional. O nível mais baixo do padrão construcional abarca as formas mais individuais, como representações virtuais dos usos do padrão, como por exemplos as formas: *olha, olhe, olha lá, olhe lá, vê lá, e veja só*. Esses seis marcadores discursivos, sugeridos como exemplos, compõem um rol de 23 marcadores discursivos levantados na pesquisa maior.

Esta pesquisa é sincrônica com base no português brasileiro do século XX. Para este fim, utilizados os *corpora*¹: *Corpus Discurso e Gramática (D&G)*, Projeto Norma Linguística Urbana Culta (Nurc), *Corpus do Português (CP)*, Programa de Estudos do Uso da Língua (Peul).

Pressupostos teórico-metodológicos

Assumimos uma postura cognitivo-funcional, ao adotarmos o aparato teórico e metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso. Nesta perspectiva, adotamos conceitos de gramática e língua indissociáveis do estatuto do uso, pressupondo que as realizações das expressões linguísticas tenham relevância de análise a nível cognitivo e interacional. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) defende que a língua se constrói na interação entre os falantes, e que a gramática emerge do discurso. O sentido da língua parte da subjetivação e intersubjetivação compartilhada pelos falantes durante as trocas comunicativas. A linguagem é um processo conceptual de caracterização do mundo físico e social, uma vez que o acúmulo de experiência nos “permite interpretar uma experiência em

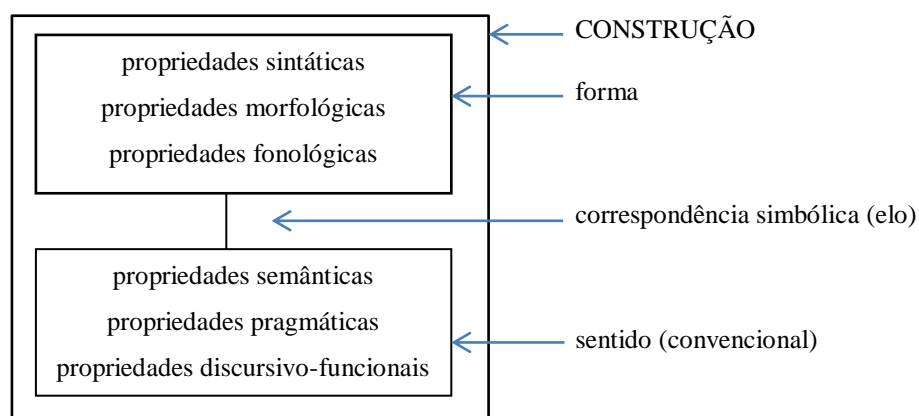
1 . Os corpora podem ser acessados pelos links: D&G <http://www.discursoeagramatica.letas.ufri.br/corpus.html>; Nurc <http://www.letas.ufri.br/nurc/rj/corpora/mapa.html>; CP <http://www.corpusdportugues.org/x.asp>; Peul <http://www.letas.ufri.br/peul/amostras%201.html>

termos de outras, o que constrói significados metafóricos” (BATORÉO, 2000, p.138). Os estudiosos da LFCU descrevem a língua como um objeto dinâmico “do ponto de vista do contexto e da situação extralinguística” (BISPO, FURTADO DA CUNHA e SILVA, 2013, p.14).

A Gramática de Construção é uma abordagem teórico-metodológica, adotada pela LFCU, que visa captar os processos de estruturação da gramática e seus aspectos de estabilidade/instabilidade. A língua é considerada um inventário de construções, e a “construção é um pareamento de forma-sentido” (GOLDBERG, 1995, p.5; CROFT, 2001, p.18; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p.11), unidos, simbolicamente, por convencionalização. Desse modo, o signo linguístico é visto como uma construção, considerada unidade básica da língua.

Croft (2001) representa uma construção como:

Figura 01: representação da construção segundo Croft.



Na representação de Croft (2001), o elo de correspondência do pareamento forma-sentido é fundamentalmente simbólico e seu significado bio-sócio-cultural é construído por convencionalização. As propriedades da forma são designadas de elementos, e as propriedades do sentido de componentes. Desse modo, o autor explica que o elo simbólico une um elemento de estrutura sintática a um componente de estrutura semântica, e ainda, há um elo simbólico que une um todo estrutura sintática a um todo estrutura semântica, é uma relação de parte-todo, uma única construção.

Traugott e Trousdale (2013) representam a construção como:

Figura 02: representação da construção segundo Traugott e Trousdale.

[[F] ↔ [M]]

Na representação dos autores, *F* (*form*) contém todas as propriedades da forma e *M* (*meaning*) contém todas as propriedades do sentido. Os autores, apoiados em Goldberg (2003), sugerem que “a totalidade do nosso conhecimento de linguagem é capturada por uma rede de construções” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 8). Segundo os autores, as construções podem ser caracterizadas por tamanho, grau de especificidade fonológica, e tipo de conceito. Podemos resumir as dimensões apresentadas pelos autores como:

Quanto ao do tamanho, as construções podem ser:

- **atômicas**: são unidades monomorfêmicas;
- **complexas**: são unidades construídas de partes (*chunks*) analisáveis;
- **intermediárias**²: são unidades parcialmente analisáveis.

Quanto à dimensão de especificidade fonológica, as construções podem ser:

- **substantiva**: são completamente especificadas fonologicamente;
- **esquemática**: são totalmente esquemáticas (abstratas) e/ou parcialmente esquemáticas (partes substantivas e partes esquemáticas), de onde deduzimos o grau intermediário;
- **intermediária**: são em partes especificadas fonologicamente e em partes abstratas.

Quanto à dimensão do tipo de conceito, as construções podem ser:

- **de conteúdo**: são lexicais, atuam como referencialidade;
- **procedurais**: gramaticais, atuam como significações abstratas nas relações entre signos.

Outros fatores construcionais relevantes, na descrição e caracterização das construções, são a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade.

² As construções com dimensão de tamanho intermediário possuem partes analisáveis e partes que os autores chamam de morfemas “*cranberry*”, expressões com aparência de morfema sem analisabilidade sincrônica de variação linguística. (conf. Cap. 4.6, p.179).

“Esquematicidade é uma propriedade de caracterização que, crucialmente, envolve abstração” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p.13). Produtividade “diz respeito à captação da extensibilidade da construção” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p.17), e está ligada diretamente à frequência. Composicionalidade “diz respeito à extensão da transparência dos *links* entre forma-sentido” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p.19). Neste artigo, trataremos, parcialmente, apenas dos fatores da esquematicidade e da produtividade.

Em Traugott (2008), o fator da esquematicidade é hierarquizado em macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e constructo. Diferentemente, na publicação de 2013, Traugott e Trousdale hierarquizam o fator da esquematicidade em esquema, subesquema e microconstrução. Por uma escolha metodológica, como nossas análises ainda são parciais, decidimos utilizar como parâmetro de análise a hierarquia esquemática publicada em 2008, com uma pequena modificação no último nível. Apresentamos, abaixo, os níveis de esquematicidade de Traugott (2008, p.236-238), são eles:

- “**Macroconstruções:** são esquemas altamente abstratos”.
- “**Mesoconstruções:** agrupamento de construções específicas”.
- “**Microconstruções:** construções *types* individuais”.
- “**Constructos:** *tokens* empiricamente atestados, concretização do uso linguístico”.

Em relação à produtividade, trataremos do efeito da frequência com base em Bybee (2003, p.664). A autora propõe que a frequência seja abordada em dois tipos: (i) “*token frequency*” ou frequência de ocorrência, trata da quantidade de vezes que um item, uma unidade, geralmente uma palavra aparece em um *corpus* de investigação; (ii) “*type frequency*” ou frequência de tipo (padrão), ou frequência de conjunto de formas, indica a quantidade de itens que possui uma determinada estrutura.

Em Bybee (2010), a autora argumenta que “a posição primordial do embasamento no uso é a hipótese de que as instâncias de uso impactam a representação cognitiva da linguagem” (BYBEE, 2010, p.14). A importância de utilizar a frequência como parâmetro de análise é defendido por Furtado da Cunha (2014) com as palavras:

“Utilizamos a frequência de uso para observar a tendência de manifestação das construções no discurso por considerarmos a frequência uma ferramenta importante para a compreensão da dimensão da experiência com a linguagem” (FURTADO DA CUNHA, 2014, p.2002).

A constituição do *corpus*

Como parte da metodologia deste trabalho, utilizamos quatro diferentes fontes com o objetivo de ampliarmos a detecção de um número maior de exemplares de marcadores discursivos de base verbal perceptiva visual. São eles: 1) *Corpus* Discurso & Gramática (D&G) - constitui-se de amostras da língua falada e escrita em formato de entrevistas, totalizando 171 informantes; 2) Projeto Norma Linguística Urbana Culta/Rio de Janeiro (NURC-RJ) - constitui-se em cenas discursivas relatadas, chamadas de inquéritos, totalizando 210 amostras de inquéritos; 3) *Corpus* do Português (CP) - os arquivos referentes ao português brasileiro do século XX são extraídos de literaturas, jornais e revistas, do tipo impresso e/ou on-line; 4) Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) – utilizamos o banco de dados representativo da modalidade da língua falada, composto por 109 entrevistas.

Nosso levantamento, constituído dos quatro *corpora* (D&G, NURC-RJ, CP e PEUL), abrange um total aproximado de 10.459.750 (dez milhões quatrocentos e cinquenta e nove mil setecentos e cinquenta) palavras.

Conceito de marcador discursivo

A classe dos marcadores discursivos (MD) é considerada como uma categoria cuja fluidez e polifuncionalidade lhes são inerentes. Sendo assim, torna-se necessário delimitar a conceituação de marcador discursivo. Seleccionamos o conceito de marcador discursivo de Risso, Silva e Urbano (2002) para nosso embasamento. Os autores definem os marcadores discursivos como:

“Um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções, e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.” (RISSO, SILVA e URBANO, 2002, p.21)

Os autores lembram que é difícil “um consenso quanto à determinação da natureza e propriedades dos marcadores” (RISSO, SILVA e URBANO, 2002, p.22). Este é um conceito amplo capaz de abarcar todas as formas que atuam como MD, entretanto, sua importância se

deve ao fato de explicitar que os MDs devem ser considerados como categoria, e definidos conforme sua atuação tanto no domínio textual quanto no domínio interacional.

Análise de dados

Nossas análises preliminares, divulgadas neste artigo, pretendem enfatizar a abordagem construcional de nossos dados, para este fim selecionamos seis MDs, dentre os 23 levantados, que servem de exemplares de grande parte das características manifestadas do padrão levantado em questão. Os MDs selecionados são *olha*, *olhe*, *olha lá*, *olhe lá*, *vê lá*, e *veja só*, vejamos os MDs em seus contextos de uso:

(02) ela olhou pra mim e disse ... “você não tem pena de mim não? você num me oferece esse lugar não?” disse ... “**olha** eu já tava querendo fazer isso ... você não quer sentar-se aqui do meu lado não? que eu acho que você vai ficar mais confortável ... (D&G, Natal, oral, NEP, inf. 4, 1993)

(03) que acontece o seguinte ... eles compra o voto ... pega lá ... vai ... dá um dinheiro e diz “**olhe** ... vote em fulano” ... ele vai e vota ... num sabe pra quê ... mas vivem em condições miseráveis ... (D&G, Natal, oral, RO, inf. 3, 1993)

(04) No último degrau, se aproximou dele, risonha, e recomendou: **-Olha lá**, hein! Aquilo é segredo. Aonde andaria ela naquele momento? Olhou para fora, de novo. A penumbra do porão envolvia-o como uma carícia. (CP, séc. XX, Fic., Br, Francisco I. Peixoto, Chamada Geral, 1982)

(05) Eu não aturava aquelas coisas, não. - Mas agora é ele quem recebe as ordens de seu Juca Vilanova? - As ordens não, **olhe lá**. Foi só desta vez que ele me mandou recado pelo Alfredo. E pode ser que o Alfredo tenha recebido o recado de outra pessoa. (CP, séc. XX, Fic., Br, Antônio Callado, A Madona de Cedro, 1957)

(06) O certo é que não dormi toda a noite, nervosa, imaginando frases, o começo do artigo. Pela madrugada julgava impossível escrevê-lo, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: - **Vê lá**, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse. Sentei-me. (CP, Fic., Br., João do Rio, O Momento Literário, 1907)

(07) ... era uma avenida longa ... grande ... na mesma rua ... né ... aí tinha várias casas ... então é:: algumas ruas ... é:: praticamente um conjunto lá ... é:: o centro da cidade ... então ... então **veja só** ... a escola era amarela ... a fachada assim ... algumas:: aliás ... era toda pintada de amarelo ... né ... e a sala de aula que foi transformada em quarto para a gente dormir é:: eram brancas por dentro ... né ... grandes ... muito grandes as salas de aula ... tinha um:: uma espécie de teatro próximo ao banheiro... (D&G/Natal, oral, DL, Inf. 1, EM, 1993)

Nos fragmentos acima, as formas destacadas compartilham uma base verbal de verbo perceptivo visual, e também, uma função marcadora discursiva. Na abordagem construcional,

todas as formas são tomadas como individuais, uma vez que são contextos específicos cumpridores de objetivos comunicativos específicos. Sendo assim, no exemplo (02), o MD “*olha*” introduz uma fala reportada direta, reforça a ideia de concordância com o ouvinte, traz assertividade à informação, expressando, também, uma tomada de consciência. No exemplo (03), o MD “*olhe*” introduz uma fala reportada indireta. Reforça a ideia de asseveridade, ao expressar um grau maior de ordem entre falante e ouvinte, impondo uma ação ao dito ouvinte. No exemplo (04), o MD “*olha lá*” introduz uma chamada de atenção com grau maior de asseveridade e/ou intimidação. Há uma retomada (de memória) a um contexto exofórico, proporcionando uma interpretação com sugestão de futura tomada de atitude direcionada pelo falante. No exemplo (05), o MD “*olhe lá*” introduz uma interrupção no andamento da decodificação da mensagem, forçando o ouvinte a recodificar a mensagem de acordo com a vontade do falante. Ao impor sua vontade, não há por parte do falante uma requisição de participação do ouvinte no ato de fala, é um posicionamento sem “negociação” de significados. No exemplo (06), o MD “*vê lá*” denota uma imposição de juízo sobre o interlocutor, direciona uma sugestão de tomada de atitude, traz graus de assertividade e asseveridade à enunciação. Já no exemplo (07), o MD “*veja só*” introduz uma chamada de atenção que extrapola a função fática. Além de sustentar o turno de fala, modifica o andamento do tópico, anteriormente, o tópico consistia em uma descrição sobre as ruas, agora uma descrição sobre a escola, também, ressaltamos que o marcador parece requisitar uma maior atenção do ouvinte enquanto decodificação da mensagem. Com essas análises, postulamos que a diversidade de marcadores discursivos, sob o padrão construcional de base verbal perceptiva visual, cumpre, em cada contexto, objetivos comunicativos específicos e seus significados são construídos na negociação entre falantes.

Como categoria de MD, as seis formas apresentam características próprias dos marcadores textual-interacionais. Os seis MDs destacados apresentam: (i) “autonomia sintática” (OLIVEIRA, 2015, p.26), não participam de papéis sintáticos das estruturas oracionais onde estão inseridos. A autonomia sintática, também, se revela no fato das formas virem separadas por pausas, isoladas entre vírgulas e outros sinais de pontuação; (ii) “orientação da interação” (RISSO, SILVA e URBANO, 2015, p.375), consiste em uma característica discursivo-pragmática, cuja estratégia é manter o contato entre os interlocutores e direcionar suas atenções, no caso dos exemplos acima, a atenção captada é direcionada não a um espaço-físico, mas a um espaço-contexto; (iii) entonação diferenciada, “há ocorrências em que se percebe completa autonomia entonacional, à semelhança de interjeições e vocativos” (RISSO, SILVA e URBANO, 2015, p.371).

Quanto ao fator de produtividade, apresentamos abaixo a frequência *token* dos MDs selecionados.

Quadro 01: frequência *token* dos MDs.

Marcador discursivo	Frequência <i>token</i>
olha	1.719
olhe	227
olha lá	11
olhe lá	23
vê lá	5
veja só	33

A frequência *token* registra o número de ocorrências das formas, revelando desde o uso mais frequente ao menos frequente. Este levantamento revela que no século XX, no português brasileiro, o marcador discursivo “*olha*” consistia em uma forma muito recrutada em relação aos outros MDs.

Como frequência *type*, podemos exemplificar especificando quatro conjuntos de formas notórias na formação dos seis MDs destacados. Os MDs “*olha*” e “*olhe*” compartilham o conjunto da forma “olhar(☉)”. Os MDs “*olha lá*” e “*olhe lá*” compartilham o conjunto de forma “olhar(locativo)”. O Md “*vê lá*” é representado pelo conjunto de forma “ver(locativo)”. O MD “*veja só*” é representado pelo conjunto de forma “ver(focalizador)”.

A principal hipótese de nossa pesquisa é que a construção $V_{pv}(x)^{md}$, representa um nível macroconstrucional que agrega sob uma hierarquia outras construções. Aos moldes de Traugott e Trousdale (2013) e Croft (2001) podemos:

(a) dimensionar a construção: quanto ao tamanho – complexa;

quanto à especificidade fonológica – esquemática;

quanto à dimensão do tipo de conceito - procedural.

(b) especificar suas partes: V_{pv} = 1ª subparte (preenchido pelos verbos olhar ou ver);

(x) = 2ª subparte (preenchido por locativo ou focalizador);

md = função marcadora discursiva.

Todas essas similaridades e especificidades sustentam a nossa hipótese que a construção marcadora discursiva de base verbal perceptiva visual pode ser hierarquizada em um padrão construcional, capaz de descrever sua posição sincrônica na língua portuguesa do século XX. Podemos descrever o compartilhamento do padrão entre os seis diferentes MDs levantados, sugerimos a seguinte esquematização:

- no nível macroconstrucional está a construção $V_{pv}(x)^{md}$, representante do nível virtual mais alto, segundo Traugott (2008);

- no nível mesoconstrucional estão dois agrupamentos de construções específicas, um agrupamento das construções com base verbal *olhar* e o outro agrupamento com construções de base verbal *ver*;

- no nível microconstrucional estão todos os tipos de construções individualmente especificadas, sendo assim, neste nível, estão especificadamente representados, de forma virtual, por meio de microconstruções, todos os MDs destacados nos seis exemplos.

Não acrescentamos o nível do constructo à nossa esquematização. O constructo é uma concretização do uso linguístico, não é abstrato, nem virtual, desta maneira, não pode ser representado virtualmente, entendemos que sua realização e manifestação pertencem à instância do uso interacional, como demonstrado nas análises dos contextos dos exemplos (01), (02), (03), (04), (05), (06) e (07). Deste modo, os MDs destacados nos exemplos são os constructos que por sua vez instanciam o nível microconstrucional.

Considerações Finais

Os verbos perceptivos visuais são produtivamente requisitados para a tarefa de regular a interação entre interlocutores. Os marcadores discursivos, além de desempenharem suporte na estruturação textual, também, marcam relações interacionais. Resultados preliminares demonstram que as necessidades comunicativas, emergentes da negociação entre falantes, motivam novos pareamentos de forma-sentido, cumpridores de específicos papéis morfossintáticos e discursivos pragmáticos. A macroconstrução é uma representatividade virtual dos níveis de esquematicidade que refletem o padrão construcional, colaborando para o entendimento da língua como uma rede de construções. A construção $V_{pv}(x)^{md}$ é licenciada por esquemas menos abstratos – o nível mesoconstrucional, em que constatamos conservação da semântica verbal e competição pelo recrutamento do preenchimento das partes e subpartes de sua composição. O nível mesoconstrucional é instanciado, por esquemas menos abstratos –

o nível microconstrucional, que por sua vez, não é instanciado por esquemas, mas pelo uso, pela realização concreta do nível linguístico.

REFERÊNCIAS

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. *Expressão do espaço no português europeu*. Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BISPO, Edvaldo Balduino; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In:

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p.13-39.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (orgs). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

_____. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Construções de estrutura argumental no português do Brasil. In: *Documento para el XVII Congreso internacional asociación de lingüística Y filología de américa latina*, argentina, la ALFAL XVII, p.2004-2015, 2014.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press. 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, E. Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Mudanças linguísticas: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. In OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (orgs). *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015, p.22-35.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore V. (org). *Gramática do português falado*. 2 ed. São Paulo: Unicamp, 2002, p. 21-57, v.VI.

_____. Marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 371-481, v.1.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: CKARDT, R. et al. (orgs). *Variations, Selection, Development – probing the evolutionary model of language change*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2008, p.219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M^a Helena de Moura (org.). *Gramática do português falado*. 2.ed. São Paulo: Unicamp, 1999, p.195-258, v.VII.

Créditos das imagens

Figura 01: representação da construção segundo Croft.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2001, p.18.

Figura 02: representação da construção segundo Traugott e Trousdale.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p.8.